

O MITO DA RESSURREIÇÃO DO HERÓI: O SEBASTIANISMO E SUA PERMANÊNCIA NA CULTURA BRASILEIRA

Beatriz Alcântara

O mito conta uma história sagrada; relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, no tempo fabuloso dos começos [...] É sempre o relato de uma criação; conta-se como algo que se produziu que começou a ser. O mito não fala mais do que sucedeu.

Mircea Eliade(1907-1986)

Do saudosismo ao sebastianismo

Pode-se considerar que a origem do sebastianismo surgiu muito antes da ocorrência do funesto desfecho na Batalha de Alcácer-Quibir (1578), em que o rei português D. Sebastião foi dado como morto e desaparecido.

A afirmativa baseia-se no fato de que o saudosismo, movimento filosófico e dialético desenvolvido desde o Portugal medievo, já preconizava a fusão regeneradora da matéria com o espírito, em busca de uma Pátria ideal. Esse movimento recebia uma forte sustentação, um suporte tríplice alicerçado na continuidade da história, na permanência da religião e, não menos consistente, na manutenção independente da língua portuguesa.

A corrente saudosista estava embasada na concepção do tempo a ser recuperado, emoções a serem reconstruídas, tudo partindo da imperiosa necessidade de elevar um presente insuficiente pelo retorno a uma memória ancestral, simbólica, de modo que, engrandecendo o tempo presencial, um futuro promissor viria a ser concedido. Sentimento assim, a superestimar o passado, achar-se-ia introjetado num

estado poético melancólico, em busca de uma luz num vazio de descrença na atualidade, num presente que se revelava inviável aos anseios patrióticos, para além daqueles de ordem individual.

O saudosismo revestiu-se, antes e acima de tudo, de um desgosto com os descaminhos que estavam colocando a pátria em risco, que ameaçavam a identidade portuguesa, todos esses fatores se associando ao modo melancólico luso de estar no mundo, à peculiar maneira de ver, de sentir e operar o destino de nação ibérica.

O embrião do saudosismo, segundo alguns críticos, encontrar-se-ia a partir da Idade Média portuguesa, por volta do século XIII, no reinado D. Dinis (1261/1325) e sua esposa a Rainha Santa Isabel (1270/1336 – renomada pela lenda dos pães no regaço convertidos em rosas).

D. Dinis e D. Isabel introduziram nas celebrações de Pentecostes e nas Festas do Império do Espírito Santo, por volta de 1323, uma encenação simbólica do advento da “Terceira Idade do Mundo”. Posto que *A sede da Igreja do PAI fora Jerusalém, a do FILHO, Roma*, estavam alicerçando a crença de que *A Terra Santa vindoura, do ESPÍRITO SANTO onde situá-la*, senão na mais completa nação católica da época, a terra lusitana?

Posteriormente, no século XVI, em um momento de crise peninsular, o saudosismo ressurgiu com vigor em Portugal. Entre seus precursores achava-se um sapateiro rude de Trancoso, apelido Bandarra (1545), que meteu-se a ler a Bíblia em português e, inflamado pelo que lia e interpretava, passou a fazer poemas orais, trovas vaticinantes que lembravam os primórdios da poesia popular tradicional ibérica, as quais reforçavam o descontentamento dos portugueses e estendiam raízes proféticas, no inconsciente coletivo, de que estaria para vir alguém, em terras lusas, que lhes concederia um paraíso terreno, justo e próspero.

Gonçalo Anes Bandarra, seu nome completo. Inulto, Bandarra usava palavras e símbolos, sem preocupação com um sentido coerente, a sonoridade de seus versos captava e prendia a atenção popular, acalentando anseios numa toada lírica ambígua e, essas trovas, por serem muitas vezes incoerentes, destituídas de seqüência lógica, passaram a ser mencionados ao bel prazer de cada um, mantendo-se, todavia, o núcleo central temático, o anúncio da vinda de um Messias, um libertador.

Preso pelo Santo Ofício, Bandarra foi solto de imediato por ter sido considerado um pobre ignorante e confuso “ovelheiro”. Engano

dos inquisidores, as trovas de Bandarra, graças à sua oralidade, caíram no gosto do povo e, nem só, também dos letrados que as tomaram a seu uso e delas fizeram inteiro domínio.

Predição assustadora a de Bandarra. Com o advento da morte prematura de D. Sebastião, aos 24 anos, na Batalha de Alcácer-Quibir, sem prole para descendência, o trono português terminou por ser entregue à Espanha com os desmandos sucedendo-se e afigindo a população, pobres e nobres, sem distinção. As trovas do sapateiro tornaram-se referência, veneradas como verdade incontestada e ele elevado à condição de mensageiro do esplendor nacional, mesmo pelo clero, em especial o anti-inquisitorial.

Detalhemos um pouco o fato histórico ocorrido com o rei D. Sebastião, no século XVII que, quatro séculos decorridos, de tão constantemente rememorado e cultuado com certo ritualismo, ocasionou o surgimento de um mito, o sebastianismo.

Um dos mais renomados e mediáticos historiadores portugueses contemporâneos, José Hermano Saraiva narrou com essas palavras, o destino de D. Sebastião, o Desejado, para muitos, o Encoberto:

Em 1568, D. Sebastião fez catorze anos e começou a governar. Tinha sido educado para reinar, isto é, tinha sido criado no culto do heroísmo militar e do carácter quase divino da pessoa real. Muito cedo se radicou nele a convicção de que Portugal seria o salvador da cristandade ameaçada e ele o instrumento dessa salvação. Essa obsessão acentuou-se com a idade. Durante os dez anos que reinou sonhou com a luta contra os inimigos da fé... Em 1578, com vinte e quatro anos, embarcou para a África com todas as forças que conseguiu reunir: cerca de dezassete mil combatentes, dos quais cinco mil eram mercenários estrangeiros. Recusando-se a ouvir conselhos dos capitães experimentados nas guerras de África, afastou-se da costa e dirigiu-se ao encontro do exército do rei de Marrocos, que encontrou nas proximidades de Alcácer Quibir. A batalha terminou por um enorme desastre. Metade dos soldados foi morta, a outra metade aprisionada. O próprio rei morreu.

O rei D. Sebastião (1557-1578) foi dado como morto em condições misteriosas. Descreveram-no seus companheiros de armas como aguerrido na batalha, sobre seu ginete, espada em punho, mas ninguém o viu morrer. Surge aqui um aspecto fundamental para o silêncio e o consequen-

te desconhecimento dessa passagem tão importante da história nacional. As rígidas e severas leis de cavalaria, combate e ética da Idade Média puniam exemplarmente todo aquele que visse seu rei em perigo de morte e não acorresse em sua defesa mesmo entregando sua própria vida em troca.

Alguns cavaleiros contaram que lhes tinha sido dado ouvir que D. Sebastião tinha sido antevisto morto em campo aberto, despojado de suas vestes, mas os restos mortais nunca foram encontrados.

Luis Vaz de Camões (1524-1580), contemporâneo e protegido do jovem rei a quem apresentou seus **Os Lusíadas** e passou a ser contemplado com certa pensão, inconformado com o desfecho trágico e temendo o cadáver real ficar insepulto, sem óbolo para a passagem, podendo não ser recolhido à barca de Caronte, sua alma vagueando às margens do Estige, dedicou-lhe este soneto:

*Com o generoso rostro alanceado
Cheia de pó e sangue a real fronte,
Chegou à triste barca de Aqueronte
O grão Sebastião, sombra tornado.*

*Vendo o cruel barqueiro que forçado
Queria o rei passar, pôs-se defronte,
Dizendo: "Pelas águas desta fonte,
Nunca passou ninguém desenterrados".*

*O valoroso rei, com ira comovido,
Lhe responde: "Ó falso velbo, porventura
Não passou ontrem já com força d'ouro?
Poís a um rei banhado em sangue mouro
Ousas tu perguntar por sepultura?
Pergunta-o a quem vier menos ferido".*

Lírica e Sonetos

Um rei, o Desejado, por tantos modos aguardado, retirado de sua nação em campo de batalha, o seu corpo jamais encontrado, originou uma lenda que reforçava a convicção do povo, dos nobres e do

clero de que, um dia, este soberano mancebo retornaria para salvar sua nação da crise sucessória, a todos oferecendo proteção e livrando-a de uma existência injusta e desalentadora, posto que o regime de união das coroas de Portugal e de Castela mostrara-se desastroso.

A lenda arcaica vaticinava que, numa manhã de nevoeiro, das margens do Tejo, surgiria o Desejado e jovem D. Sebastião, montado em seu cavalo branco.

Luis Augusto Palmeirim melhor exprimiu essa lenda no término de seu poema “D. Sebastião”.

*O povo singelo, nas crenças herdadas,
Do rei a memória nos peitos sagrou:
E crê que d'Alcácer, nas trevas cerradas
O rei lusitano da morte escapou.*

*Espera ainda vê-lo com rija armadura,
Escapo por graça d'amor divinal,
Trazer ao seu reino de paz e ventura,
Entrar triunphante no seu Portugal.*

*Em dia de névoa escura e cerrada,
Montado com garbo virá o bom rei:
Que tem n'uma ilha, com vida encantada,
Isempio affrontado dos mortos a lei.*

*Mas quando elle venha salvar-nos sem medo
Ninguém sem mentira talvez o dirá;
Não só por ser grande, mui grande segredo,
Mas, por não saber-se de aonde elle virá.*

No domínio castelhano, desdobrado por toda a Península Ibérica, de 1581 a 1688 e sob a regência de Filipe I, Filipe II e Filipe III (assim denominados na História de Portugal), a terra lusitana perdeu a condição de Reino para converter-se, ano após ano, numa simples província espanhola sem qualquer autonomia. Sessenta anos de sujeição, prejuízos e interesses portugueses desprezados.

Uma resistência popular foi sendo gerada e com o advento de novos e extorsivos impostos, um levante surgiu com o fim de restaurar a linha de sucessão real ao trono de Portugal (Revolução de 1640).

Padre Antonio Vieira, um ardente patriota defensor desta revolução, foi uma das mais notáveis figuras da época, quer por meio de escritos de grande erudição, acima de tudo pelos sermões veementes de grande consistência e abrangência de conhecimentos, reforçando a vertente profética-nacionalista que se anunciara desde Bandarra.

O jesuíta Antonio Vieira (1608/1697) foi o maior formulador de um saudosismo de característica nomeadamente messiânica. Um homem representativo do século XVII, um orador brilhante a expressar com veemência a opinião da alma lusitana assentada em profundos sentimentos patrióticos, mítico-religiosos e crenças populares.

A imaginação fecunda, as elaborações cerebrinas e a fluência do Pe. Antonio Vieira contribuíram para que se firmasse no séc. XVII português, um saudosismo misto de religião e de política, ampliado pela convicção íntima, messiânica, do jesuíta na profecia do Quinto Império e a defesa do retorno de D. João IV para a construção desse império sob a coroa portuguesa.

Por certo estariam em mente do jesuíta as remotas Festas do Império cristianista e nelas encontrando respaldo, buscou em passagens bíblicas, como no Livro de Daniel, capítulo 2, episódio do sonho de Nabucodonossor, a menção aos quatro impérios já por demais conhecidos: Assírio, Persa, Babilônico e Romano. Vieira também amparou seus argumentos em outro momento bíblico do Novo Testamento, Zacarias capítulo 6, versículos 1 a 15, o Movimento da Nova Era.

A asserção do Quinto Império não pose ser tida como um desvario místico, há que se notificar uma confluência de dados. O tema deste novo império perpassava toda a cultura barroca europeia, assim sendo, não pode ser tida como uma idéia messiânica extemporânea do jesuíta pregador.

Acrescia-se a este ideário místico, a ocorrência de certa melancolia oriunda dos desgovernos, à qual se aliavam as profecias e a esperança de um sonho ancestral, arcaico, renovando o futuro, tudo a articular-se entre o universo teológico-retórico-político dos inflamados sermões vieirenses.

Se no passado remoto Nabucodonossor da Babilônia, Ciro da Pérsia, Péricles da Grécia e César em Roma, foram os exponenciais das potências antigas, agora chegara a vez do rei de Portugal liderar o derradeiro reino: o Império Universal Cristão, o Quinto Império.

Posteriormente, este saudosismo messiânico conheceu outra vertente, o sebastianismo, *o próprio sangue espiritual da raça* portuguesa.

A nostalgia da pátria vincou profundamente o sentir português. O sebastianismo radicou-se na alma lusitana popular. Vestida de saudade e de esperança a nação ressurgiu. A vinda de um redentor, quem sabe, um jovem rei em seu cavalo branco disposto a salvar os oprimidos, redimir os injustiçados de uma vivência malquista, de um presente sem sentido, esvaziado de futuro, estaria por se realizar, o Encoberto.

O sebastianismo passou a seguir a par e passo a vida de todos e de cada um, mesmo daqueles que relutam em admitir. Destino e fado de uma nação à beira do mar plantada, a alma plangente de esperança, crença numa luz a iluminar a fisionomia nostálgica de quem vê a parti-da afastar-se da chegada.

Sebastianismo, o mito

Debrucemo-nos um pouco sobre os aspectos míticos do sebastianismo e como ele manifestou-se para além da Península Ibérica, nomeadamente no Brasil, no nordeste brasileiro.

Partindo do pressuposto de que o mito esteja ligado a uma época primordial, de populações primitivas, manifestações arcaicas e narrativas de valor simbolizante e na ritualização encontrou sua linguagem, sendo por seu intermédio que o homem tomou consciência da sua vivência primitiva, da origem e dos fatos fundamentais da existência humana.

No mito há um sentido indivisível, oculto, de uma verdade própria, natural, gerada nas raízes do inconsciente coletivo. O mito, afeito à narração de tempos fabulosos ou acontecimentos heróicos oriundos de forças humanas extremadas ou de forças da natureza exacerbadas pelo imaginário popular, recria ligações como a morte à vida, princípio do processo da circularidade, do equilíbrio.

Ao pensar-se no mito como verdadeiro, tem-se em conta que ele responde à pergunta do homem, posto que a filosofia só viesse depois e por seu intermédio surgiu a pergunta, a indagação. O mito responde, a filosofia questiona.

O mito sebástico encerra, por si só, várias feições míticas do imaginário popular, do inconsciente coletivo: a esperança; o encoberto; o cadáver insepulto e a ressurreição.

A esperança – no Desejado pelas trovas de Bandarra, a procura da luz nas trevas e a espera mítica de um iluminado. O desejado só se revestiu de uma condição mitológica quando passou a ser uma manifestação sensível do verdadeiro, o mito tem que ser vivenciado e não idealizado.

O Encoberto – o Desejado recaindo na figura histórica do jovem rei D. Sebastião, simbiótica oposição do mortal e da imortalidade tendo em vista a defesa nacionalista do reino. É preciso que haja a morte para que a luz se faça.

O cadáver insepulto – D. Sebastião tendo sido dado como um dos combatentes mortos e não identificado na Batalha de Alcácer-Quibir, passou à condição mítica de insepulto, não havendo *grão de semente para a ressurreição*, logo, o seu ressurgimento transformou-se em esperança, o retorno do Encoberto, a luz que ao desprender-se das trevas iria recriar o mundo.

A ressurreição – desconhecido e desaparecido D. Sebastião, a população atravessando momentos difíceis acirrados pela crise sucessória e a dependência nacional de Espanha, o jovem rei haveria de ressurgir glorioso, vencendo a morte para cumprir a missão de libertar do jugo e da opressão todos os seus seguidores e por tal modo manter o sagrado na busca do paraíso perdido.

Um mito como o sebastianista expande-se e recria-se naturalmente em épocas-fronteira de transição, de desequilíbrio, de desorientação ou mesmo de queda...O sebastianismo é um dado profundo, é um arquétipo, é uma realidade psíquica e mítica do nosso povo e da nossa cultura.

(António Quadros)

Messianismo sebástico no Brasil

As manifestações do sebastianismo no Brasil a partir de alguns aspectos das raízes arcaicas lusas, adquiriram um perfil notadamente messiânico e, por vezes, enigmático. Contudo, o mito, na sua condição simbólica, permaneceu.

O drama quando persiste e é revivido muito tempo depois, tende a transformar-se mantendo, ainda e sempre, o sagrado. O mito pode adquirir uma feição circunstancial, mas seu significado não pode afastar-se do seu natural, porque ele não pode perder o valor próprio, simbolizante.

Antropologicamente, messianismo refere-se a um movimento histórico de caráter, via de regra religioso, que ocorre sempre em tempo de grave crise social, ou política ou religiosa, sob o comando de um líder carismático, obediente a rituais, sempre alavancado por um grupo de pessoas oprimidas. De acordo com o professor Eduardo Diatathy em seu recente ensaio sobre “Fantasmas e sonhos milenaristas”,

...o messianismo se reporta a um movimento baseado na crença num enviado divino, presente ou cuja vinda está próxima, e que anuncia e prepara a abolição das condições vigentes, para enfim instaurar, ou reinstaurar, uma era de abundância, felicidade e justiça. Ambos (messianismo e milenarismo) costumam ocorrer com grupos ou populações em situação de crise e dominação...

Não por acaso, os movimentos messiânicos de maior relevo, no Brasil, ocorreram, preferencialmente, na região do nordeste: Pedra Bonita, 1836-1838, São José de Belmonte-Pernambuco, líder João Antonio dos Santos; Canudos, 1897, Sertão Baianos, líder Antonio Conselheiro; Guerra do Contestado, 1912, Santa Catarina e Paraná, líder monge João Maria; Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, 1936, Crato-Ceará, líder beato José Lourenço e Borboletas Azuis, 1977, Campina Grande-Paraíba, líder Roldão Mangueira de Figueiredo.

Um dos primeiros movimentos messiânicos brasileiros, Pedra Bonita, por revestir-se de aproximações explícitas com o sebastianismo, o próprio líder religioso dizia-se um interlocutor e emissário do rei D. Sebastião, foi o nosso escolhido para observação mais detida.

Ressalte-se, inicialmente, a narrativa do historiador pernambucano Estevão Pinto sobre a ocorrência desse fenômeno:

Pedra Bonita, como se sabe, era uma espécie de reino encantado; para desencantá-lo e fazer ressuscitar d. Sebastião fazia-se preciso banhar as pedras e regar os campos com sangue humano. Depois do milagre da ressurreição, os negros acabariam brancos, os velhos moços, os pobres ricos e todos, afinal de contas, sentir-se-iam imortais. No terceiro dia da matança, as bases das colunas de granito, que serviam de templo ou lugar de reunião dos fanáticos, tinham recebido o holocausto de trinta crianças, doze homens e onze mulheres. A pouca distância das pirâmides, havia um grande subterrâneo, onde o chefe ministrava o vinho sagrado aos adeptos, bebida composta de jurema e manacá... O rei tinha tratamento de santidade e todos lhe beijavam os pés. Em pregações usava o mesmo uma coroa tecida de cipó de japacanga...quando terminavam suas prédicas, o povo, cabriolando e batendo palmas, prorrompia em vivas a el-rei d. Sebastião.

Desde Homero, os mortos só falam pelo sangue. Pedra Bonita foi contemplada com o sacrifício humano do sangue.

Entende-se o sangue como o transporte, pelo desespero e pelo sacrifício,

para o acordar de uma nova opção. Se D. Sebastião desapareceu exangue na luta, só um derramamento de sangue poderia justificar seu retorno? O sangue unificaria todas as referências e por seu intermédio seria concedida a expiação de todas as faltas, purificando e renovando a aliança que viria, por fim, assegurar uma vida plena.

Nessa esperança do inconsciente coletivo residia a crença da população miserável que ocorreu ao arraial de Pedra Bonita.

Numa pequena publicação ilustrada com fotos representativas dos locais trágicos do episódio, versos ao modo de cordel de um outro pernambucano, Ernando Alves de Carvalho, registra-se o percurso histórico-social de Pedra Bonita, hoje denominada Pedra do Reino, na serra do Catolé, em São José de Belmonte, no agreste sertão de Pernambuco.

Recolhemos, resumimos e reunimos algumas passagens para melhor evidenciar a cor local e o percurso sinistro.

I óu contar neste folbeto

Uma história que ouvi

.....

Lá na terra onde nasci

.....

*Não se trata de uma lenda
Mas de história verdadeira*

.....

*Fala de reis e rainhas
E de rudes sertanejos
Que naquela terra bruta
Também tinham seus cortejos
De pobres desesperados
Que atendiam seus desejos*

.....

*É serra do Catolé
E também Serra do Reino*

.....

*Existem naquela serra
Duas pedronas imensas
Que despertam atenção
Por suas cores intensas
E chuviscos prateados
Origem de certas crenças*

.....

*Foi nesse belo lugar
Lá na terra sertaneja
Onde se deu a tragédia
Com mortes e muita peleja
Envolvendo uns fanáticos
O governo e a igreja*

.....

*Chegava quase a trezentos
O total de seguidores
Vivendo naquela serra
Guiados por impostores*

.....

*Essa aventura sangrenta
Que o sertão presenciou
Foi sonho visionário
De um louco que acreditou*

*Poder retornar ao mundo
Um bom rei que se finou*

.....

*João Antonio dos Santos
Matuto bem convencido
Dizia haver nessa serra
Um tesouro escondido*

.....

*Também costumava ler
Um folheto de aventuras
Que tinha em seu poder
E ao povo ele dizia
Um segredo conhecer*

.....

*Sobre uma ressurreição
De antigo rei português
O rei Dom Sebastião*

.....

*Ele tinha sempre à mão
Para mostrar aos sitiantes
Duas pedras pequeninas
Que dizia de brilhantes*

.....

*Espalhava o mameluco
Que o rei Dom Sebastião
Lhe levava toda noite
No meio da escuridão
Para lhe mostrar os tesouros
Escondidos no sertão*

.....

*O padre Gonçalves Lima
Vigário de Vila Bela
Estava preocupado
Resolveu logo apelar*

.....

*Independente da Igreja
Havia já preocupação
Por parte de muita gente
Em redor da região*

.....
*João Antonio dos Santos
Ao velho padre entregou
Aquelas duas pedrinhas
E ao mesmo se confessou
E cumprindo sua promessa
Dessa vila se mandou*

.....
*O cunhado João Ferreira
Ocupando o seu lugar
Passando o substituto
Segundo rei se chamar*

.....
*Além do pai e do irmão
Tinha mais outros parentes
Uns fanáticos ardentes*

.....
*Esse grupo se espalhou
Arranjando seguidores
Entre os pobres do sertão*

.....
*Cada dia mais pessoas
Chegando lá no arruado
Atraídos pela notícia
Do tal reino encantado*

.....
*Naquela região pobre
Com provisão resumida
Apelaram para os crimes
Sem terem outra saída*

.....

*Os da seita prometiam
Fartura e muita riqueza*

.....

*Quando voltasse El-Rei
O Sebastião encantado
Pobre viraria rico
Daquele bem abastado
E o negro em branco legítimo
Lá seria transformado*

.....

*No ritual dessa seita
Os seguidores bebiam
Um tal vinho encantado
Ficando pobres de mente
Com o corpo relaxado*

.....

*A grande carnificina
Que abalou todo o sertão
Pra desencantar o reino
Do rei Dom Sebastião*

.....

*O sangue dessas vítimas
Sacrificadas em vão
Deveria ser derramado
Na Pedra Bonita então
Para quebrar o encanto*

.....

*Matava-se muita gente
Degolada com facão
Ou quebrando seu pescoço
Em covarde execução
Atirando lá de cima
Do penhasco para o chão*

.....

*Em três dias de matança
Deixou saldo colossal*

*Era quatorze de maio
Quando tudo começou
E foi no dia dezoito
Que a matança terminou
Quando um grupo de soldados
O arraial conquistou*

.....

*Durou mais de três anos
Esse terrível reinado
De 36 a 38
No século retrasado*

.....

*Agora a Pedra do Reino
Monumento colossal
Patrimônio municipal
Pra memória cultural*

.....

*Mês de maio todo ano
É tempo de cavalgada
Da cidade para a serra
Em festa muito animada
Para lembrar aos de hoje
A aventura desastrada*

Vilania, insanidade, miséria, desespero e morte, ciclo de cinco maldições num reino de desencanto e barbárie.

No trágico episódio de Pedra Bonita, hoje Pedra do Reino, acham-se os mecanismos que oferecem suporte e consistência, com um imaginário social de anseio pela salvação, um sentido escatológico de espera e esperança. O retorno à origem primeira que se converteu nos fins últimos de uma era nova preconizadora de mítica felicidade.

Observando o antagonismo entre os desvairados e funestos acontecimentos do passado e os alusivos festejos que ocorrem nos mesmos locais, em nossos dias, vem-nos a idéia recorrente de que o tempo, no seu decorrer muda tanto e por tal modo que a memória do sofrimento enfraquecendo as ações do passado, em novas vontades se

transformam. Colossal martírio de Pedra Bonita na primeira metade do século XIX, alegre e folclórica Festa da Cavalgada da Pedra do Reino no século XX

Numa audácia desmedida, ousamos parafrasear Camões nesta última frase: em Pedra do Reino, os lugares permanecem imutáveis, áridos, mas os tempos e as vontades se metamorfosearam em alegria, redentora esperança no agreste sertão nordestino.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, Ernando Alves. **História do Reino Encantado da Pedra Bonita.**

Recife, Editora Coqueiro, pp.52

DACHNHARDT, Rainer. **Páginas Secretas da HISTÓRIA DE PORTUGUAL – volume II**, Lisboa, Edições Nova Agrópole, 1994, pp.227

DOM HENRIQUE. **Jornada del-rei dom Sebastião à África.** Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1978, pp.205

LEONE, Metzner. **El-Rey D. Sebastião**, Lisboa, Edições SIT Lisboa, 1954, pp.209

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. “Fantasmas e sonhos milenaristas” in **Trajetos, Revista de História UFC: dossiê religiosidade**, Fortaleza, Dep. História UFC, nº8, 2006

PINTO, Estevão. **Muxarabis & Balcões e outros ensaios.** São Paulo, Brasiliiana/ Companhia Editora Nacional, 1958, pp.362

QUADROS, António. **Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista.** 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores – Coleção Filosofia & Ensaios, 1983, pp.411

SARAIVA, José Hermano. **História de Portugal – volume 4.** Lisboa, Publicações Alfa, 1983, pp. 400

SARAIVA, José Hermano. **Imagens da História de Portugal.** Lisboa, Publicações Alfa, pp.151

SOUSA, Manuel de. **Reis e Rainhas de Portugal**, Mem Martins, SPORPRESS – Soc. Editorial e Distribuidora. Lda / Correio da Manhã, pp.203

TENGARRINHA, José (org.). **História de Portugal.** Bauru/São Paulo/ Lisboa, Editora UNESP/EDUSC/Instituto Camões, 2000, pp.372

VIEIRA, Padre Antonio. **História do Futuro – Livro Ante-Primeiro**, São Paulo, Edições e Publicações Brasil, pp.277